

Poética e política em Mallarmé

Doutoranda Larissa Drigo Agostinho¹

Resumo:

Procuramos neste artigo estabelecer um paralelo entre a crítica marxista da economia política e as críticas sociais de Mallarmé que contribuem para o desenvolvimento e definição de sua poética. Pois Mallarmé procurou em sua poesia desmontar a ficção para tornar visível seu processo de constituição e funcionamento. Essa operação só é possível, pois para o poeta a poesia deve ser um espelho da linguagem, um espaço onde a linguagem é pensada, e onde ela aparece em toda sua verdade. Da mesma maneira a crítica de Marx consiste em expor e explicar o funcionamento econômico compreendendo seus mecanismos de funcionamento, como a forma mercadoria a relação entre valor trabalho e força de trabalho. Veremos que tanto no domínio econômico como no âmbito político, a sociedade se estrutura, pra Mallarmé como para Marx, como uma linguagem, uma linguagem representativa.

Palavras-chave: representação, política, poética, linguagem, trabalho.

Introdução

Em *Comment vivre ensemble* Barthes define o viver junto não somente como uma questão espacial, mas também como um problema temporal, “vivre ensemble” é também “vivre dans le même temps”. O autor cita um exemplo “*Je puis dire sans mentir que Marx, Mallarmé, Nietzsche et Freud ont vécu vingt-septs ans ensemble*”.² (BARTHES, 2002. p. 36) Eles poderiam inclusive ter se encontrado em algum lugar da Suíça para juntos discutirem. Essa concomitância alerta, segundo Barthes, para uma questão de suma importância, no entanto, pouco estudada, a contemporaneidade, a questão de saber “de quem sou contemporâneo?”, “com quem eu vivo?”.

De fato, Barthes tem razão, pois Mallarmé, Marx, Freud e Nietzsche têm algo em comum. Todos eles, em suas obras, não fizeram outra coisa a não pensar as causas, as consequências e os pressupostos da afirmação de Schopenhauer: “o mundo é minha representação”.

O inconsciente freudiano não é outra coisa se não a afirmação de que nossa constituição psíquica ocorre, como que as nossas costas, que o processo através do qual um sujeito se constitui, não é da ordem da representação consciente, mas inconsciente, justamente porque a representação não é um processo nítido e límpido. O pensamento nietzschiano também se constituiu como uma crítica da representação. Segundo Heidegger o caminho que toma o pensamento de Nietzsche passa pela seguinte afirmação: “o deserto cresce. Infelicidade àquele que protege o deserto.” Uma fala que nos remete a outra afirmação, segundo a qual o que nos daria mais a pensar em nosso tempo seria o fato de que nós ainda não pensamos, e se nós não pensamos isso se deve ao fato de que, segundo Heidegger, leitor de Nietzsche, há muito tempo, a forma de pensamento dominante é a representação.

Mas o que nos interessa aqui é a possível contemporaneidade de Marx e Mallarmé, as críticas relativas à representação que ambos empreenderam e seu caráter eminentemente

¹ Larissa Drigo AGOSTINHO, doutoranda pela Universidade de Paris IV – Sorbonne. E-mail: larissa_drigo@yahoo.com.br

² Posso dizer sem mentir que Marx, Mallarmé, Nietzsche e Freud viveram vinte e sete anos juntos.” Tradução da autora.

político. Nosso objetivo é mostrar que se nem toda política precisa de uma poética, toda poética é política.

Questão de Método

Em « La Musique et le Lettres » encontramos esta afirmação desconcertante:

tout se résume dans Esthétique et l'Economie politique [...]. La vérité si on s'ingénie aux tracés, ordonne industrie aboutissant à Finance, comme Musique à Lettres, pour circonscrire un domaine de Fiction, parfait terme compréhensif.³ (MALLARME, 2003. p. 76)

A economia política assim como a estética pertencem, portanto, a um mesmo domínio, o da ficção, o que quer dizer que elas são ilusões, mentiras. (Esta definição de ficção pode ser estabelecida a partir das cartas sobre a crise do Nada e das notas sobre a linguagem, ela será esclarecida mais adiante). Assim existe uma analogia entre a relação que a música estabelece com as Letras e a relação que a indústria estabelece com as finanças. Isso porque a música confere à poesia um elemento fundamental para sua constituição assim como o sistema produtivo deste final do século XIX se define a partir da produção industrial.

A música garante às Letras sua leveza, seu caráter etéreo e fugaz. A música é das artes, a mais abstrata. Seu material é uma convenção matemática, além disso, ela é evanescente, uma arte que não pertence ao espaço, uma arte do tempo, que se dissolve no ar. O caráter ficcional da música repousa no fato de que esta é, na sua própria forma, um não ser, o desfazer de uma ilusão. A indústria, por outro lado, como é sabido, tem na mais valia seu fundamento, seu caráter ficcional repousa na diferença entre o que é produzido e o salário que o operário recebe pelo seu trabalho, ou para estarmos de acordo com os termos de Marx, a mais valia reside na diferença entre o valor trabalho, o trabalho mercadoria e a força de trabalho. A mais valia é essa diferença na qual se baseia todo capitalismo, o salário do operário é uma mentira, uma ilusão.

O método estético mallarmeano, que busca desvelar o processo de constituição da linguagem, está muito próximo do método que Marx desenvolveu para tecer sua crítica da economia política. O próprio subtítulo do *Capital* indica, segundo Rancière (In: ALTHUSSER, 1996, p.86), seu método, “crítica da economia política”. A crítica é uma noção presente em toda a obra de Marx, ela designa a atividade específica do seu pensamento. Mas como ela se caracteriza? Ou, em que medida a crítica é, em Marx, um método?

A ideia da crítica como um método está contida na ideia de *erklären*. “*Il signifie à la fois déclarer et expliquer. Cela veut dire que l'exposé des faits pour ce qu'ils sont, (für das was sie sind), l'exposé de l'expérience humaine telle qu'elle se donne, est déjà leur explication.*”⁴ Ou seja, os fatos só precisam ser enunciados, formulados, postos, para se tornarem conhecidos.

Mas todos sabem que a exposição da economia política operada por Marx nos mostra que os fatos aparentes são na verdade falsos, pois uma vez que a experiência humana se deixa aprender somente através da forma da contradição, a crítica deve não somente se ater aos fenômenos, nem tampouco realizar um desenvolvimento especulativo se atendo apenas às

3 tudo se resume em estética economia política. [...] A verdade se nos ativermos aos traços, ordena indústria culminando em finanças, como a musica nas letras, para circunscrever um domínio de ficção, termo perfeitamente compreensível.” Tradução da autora.

4 Ele significa ao mesmo tempo declarar e explicar. O que quer dizer que a exposição dos fatos pelo o que eles são, a exposição da experiência humana tal qual ela se dá, já é sua explicação.” Tradução da autora.

essências falsas. A crítica, para ser verdadeiramente crítica, deve desvelar o desenvolvimento da essência verdadeira. Nos *Manuscritos*, nenhum conceito econômico é criticado enquanto tal. A economia política aparece como um espelho que exprime adequadamente os fatos, porém sem compreendê-los. Esta noção da economia como um espelho permite ao jovem Marx operar uma transposição estrutural, fazendo com que problemas econômicos se transformem em questões antropológicas. Já no *Capital* Marx procura de fato, através da descrição do funcionamento da forma mercadoria e da idéia de força de trabalho e de valor de trabalho desmascarar e compreender os conceitos fundamentais da economia política.

Mallarmé por sua vez resumiu seu método poético da seguinte maneira:

Toute méthode est une fiction, et bonne pour la démonstration.
Le langage lui est apparu l'instrument de la fiction: il suivra la méthode du
Langage. (la déterminer) Le langage se réfléchissant. (MALLARME,
2003. p. 507).⁵

Assim, para o poeta, a ficção é um método, ou seja, uma demonstração. A ficção demonstra, expõe através da linguagem, que é o seu instrumento. Ela segue o método mesmo da linguagem: “Le langage se réfléchissant”. Isso quer dizer que a linguagem reflete algo, como um espelho, ela expõe a ficção. E ainda, ela revela algo a ser pensado, sobre o qual se deve refletir. É, portanto na linguagem, como num espelho que se reflete a verdade da ficção, onde a linguagem se mostra enquanto tal, em toda a sua verdade e desvela assim os segredos de todo processo representativo. A ficção se mostra, se demonstra e se desmonta. Vejamos como através de alguns exemplos da crítica social mallarmeana.

A democracia e o poder poético

Em “Grandes fatos diversos” de *Divagações*, o texto « A corte » apresenta uma reflexão sobre a política, mais precisamente sobre diferentes formas de governo, tais como a democracia e a aristocracia e suas relações com a economia capitalista e a luta de classes.

Un temple même bâti par quartier en la ville, pour immense, ne contiendra la totalité populaire. À quelque loi importe qu'un, représentatif, puisse arriver le plus humble, invité, comme en pèlerinage, du fond d'un destin soucieux. (...) Aristocratie, pourquoi n'énoncer le terme – en face du vagi de démocratie : réciprocité d'états indispensable au conflit, national, par quoi quelque chose tient debout, ils se heurtent, se pénètrent, sans vertu si l'un fait défaut⁶. (MALLARME, 2003. p. 266-267)

Mallarmé denuncia neste texto a falsa promessa do sufrágio universal e a idéia de que a democracia seria o governo de “todos”. Segundo o poeta, nenhum templo, nenhuma assembleia seria capaz de acolher a “totalidade popular”, pois a lei é feita, por alguns poucos eleitos, pelos representantes do povo. O que quer dizer que, apesar do voto popular, um governo democrático representativo é na realidade o governo de alguns poucos homens, ou, porque não dizer claramente, uma aristocracia.

A ideologia burguesa se refere ao sufrágio universal como a inventiva comunista clama pela união dos trabalhadores: « L'élection, vous la prônez, le vote aux doigts, assimilée au

5 Todo método é uma ficção, e bom para a demonstração. A linguagem lhe parece o instrumento da ficção: ele seguirá o método da linguagem (determiná-lo). A linguagem se refletindo.” Tradução da autora

6 Um templo mesmo construído por bairro na cidade, por imenso que seja, não conterá a totalidade popular. A alguma lei importa que um, representativo, possa chegar o mais humilde, convidado, como em peregrinação, pelo fundo de um destino preocupado. (...) Aristocracia, porque não enunciar o termo – em face do tão vagido de democracia: reciprocidade de estados indispensável ao conflito, nacional, pelo qual alguma coisa se mantém de pé, eles se chocam, se penetram, sem virtude se um esta faltando.”. In:, p. 226-227.

travail de l'usine⁷.» (MALLARME, 2003. p. 266) O trabalho operário produz a riqueza de um país, enquanto o voto determina como ele será governado, o sufrágio universal seria assim a verdadeira união política dos trabalhadores. Mas justamente pelo fato de que a democracia é representativa ela não pode ser considerada como o governo do povo, por essa razão, sua constituição e funcionamento são analógicos a organização econômica, onde a indústria explora a força de trabalho dos operários, transformando-a em mercadoria.

Este governo da minoria, esta democracia que através da promessa do sufrágio universal não passa de uma aristocracia disfarçada, é na verdade governada não por alguns homens, mas por números. Assim um indispensável conflito mantém a sociedade, uma luta de classes sustentada não pela promessa democrática, mas pelo dinheiro, pois é na moeda e não no governo que a estrutura político-econômica da sociedade está representada, uma política em que o número, não o dos eleitores, mas o da moeda garante o poder e sua manutenção: « La pièce de monnaie, exhume aux arènes, présente, face, une figure sereine, et pile, le chiffre brutal universel⁸. » (MALLARME, 2003. p. 267)

Vemos que a crítica mallarmeana à sociedade se configura como uma crítica estrutural, filosófica, diríamos, pois o poeta se preocupa em refletir sobre o político, sobre « grands faits divers » e não sobre fatos do cotidiano. Mallarmé pode ter se calado com relação ao affaire Dreyfus ou no que diz respeito à comuna de Paris, isso não significa que ele não tenha refletido sobre a dimensão política da literatura.

Quando entrevistado a respeito da prisão de Félix Fénéon, que costumava freqüentar a casa do poeta e que fora acusado de ser o autor de um atentado a bomba a assembléia legislativa francesa, Mallarmé declarou « Eu não conheço arma mais eficaz que a literatura », declaração que corresponde à postura do poeta sempre avesso a falar abertamente de política. Esse tipo de comportamento Sartre nomeou de “anarquia branca” ou « terrorisme de la politesse ». E a partir de então a crítica sociológica contribui para manter esta imagem de Mallarmé, de poeta « estóico » (Sartre), prisioneiro de um « culto estéril e fetichista da forma » (Bourdieu) ou ainda o jornalista que cedeu aos seus princípios estéticos em nome de “besognes alimentaires” (Durand).

Mas o que vemos a partir deste exemplo é que na obra de Mallarmé ha um engajamento ao mesmo tempo poético e político, evidenciar esta intimidade entre universos aparentemente tão distintos foi uma tarefa que o poeta se impôs ao buscar em sua poesia uma forma capaz de escapar ao reinado da representação. O princípio poético que estrutura a poética mallarmeana, emerge de uma crítica da sociedade assim como de uma crítica da literatura de seu tempo. Segundo o poeta a representação estrutura a vida em sociedade, pois ela é a base da democracia representativa assim como do capitalismo financeiro e industrial, este mesmo princípio constitui a estética naturalista e da poesia parnasiana. Mallarmé procura criticar a linguagem representativa argumentando que esta se baseia em uma analogia entre as palavras e as coisas, que pressupõe a idéia mesma de poder falar das coisas do mundo, uma idéia que apenas mascara o real, que cria ilusões.

Jacques Rancière operou uma distinção entre esses dois domínios sociais ou políticos. Segundo o autor, é possível através de uma distinção clara e aparentemente simples diferenciar o político e a política. O político se refere a um objeto do pensamento filosófico, aos princípios do poder, da lei e da vida em comum, enquanto que a política, se refere grosso modo à luta pelo poder. Se seguissemos essa distinção ficaria evidente que as preocupações

7 A eleição, vocês a pregam, o voto nos dedos, assimilado ao trabalho da fabrica.” *Ibem*.

8 A peça de moeda, exumada nas arenas, apresenta, cara uma figura serena, e coroa, a cifra brutal universal”. *Idem*, p. 227.

mallarmeanas concernem o político e não as tramas do poder. Porém essa distinção mascara, segundo o próprio Rancière, a essência mesma do político, que se revela no ponto de articulação, na intersecção entre a prática política e as formas de vida que ela determina, rege e a partir das quais ela se torna possível. A política é a luta pela emancipação, a tentativa de atualizar a promessa de igualdade contra as leis e práticas governamentais que impedem que ela se concretize. Assim, se não podemos separar o pensamento do político, do que diz respeito ao governo ou ao poder e das lutas sociais que buscam atualizar uma promessa de igualdade não poderemos também, definir a poética mallarmeana como “desengajada” pelo simples fato de o poeta não se pronunciar publicamente sobre questões pontuais de seu tempo. O engajamento político mallarmeano se escreve a partir de uma crítica da sociedade assim como de uma crítica da literatura de seu tempo realizada a partir da crítica de seu fundamento, de seu princípio de constituição e legitimação, a linguagem representativa. Assumir o caráter representativo da linguagem é inclusive, uma das premissas e pressuposições que torna possível toda luta política. Como afirma Rancière:

L'expérience démocratique est ainsi celle d'une certaine esthétique de la politique. L'homme démocratique est un être de parole, c'est-à-dire aussi un être poétique, capable d'assumer une distance des mots aux choses qui n'est pas déception ou tromperie mais humanité, capable **d'assumer l'irréalité de la représentation**. Cette vertu poétique est une vertu de confiance. Il s'agit de partir du point de vue de l'égalité, de l'affirmer, de travailler à partir de son présupposé pour voir tout ce qu'il peut produire, pour maximiser tout ce qui est donné de liberté et d'égalité.⁹
(Rancière, 2007A. p. 95)

Vemos o quanto esta ideia de Rancière se aproxima da ideia de Derrida de uma democracia por vir, como se a democracia fosse essa luta repetida pela atualização, pela concretização das promessas que fundam a política moderna como a ideia de emancipação, e de igualdade. Assim, não devemos estranhar o fato de que Blanchot descreve a obra de Mallarmé, principalmente seu desejo de escrever o Livro, arquitetural e premeditado, como uma literatura por vir, ou “le livre à venir”.

O trabalho

Nosso outro exemplo pertence a outro “grande fato diverso”, chamado “Confronto”, um texto que narra o confronto, poderíamos dizer, o encontro entre um poeta e um operário, entre duas formas de trabalho.

Um trabalhador assalariado é remunerado independentemente do trabalho por ele efetuado. O poeta menciona que o trabalhador pode, por exemplo, cavar um buraco, em seguida, fechá-lo, que independentemente do resultado nulo de seu esforço, ele será remunerado pelo tempo que trabalhou. O poeta, por sua vez, quando apaga seus escritos perde seu trabalho, seu tempo e não recebe nenhuma remuneração. O trabalho do poeta pode parecer abstrato, vago, porque intelectual, mas na verdade é o trabalho concreto do operário que se revela abstrato, sem significação, ainda mais que o trabalhador não é consciente deste déficit, do vazio com o qual ele se defronta ao realizar as ações mais banais e abstratas.

9 A experiência democrática é assim a experiência de certa estética política. O homem democrático é um ser de fala, ou seja, também um ser poético, capaz de assumir uma distância entre as palavras e as coisas que não é decepção ou enganação mas humanidade, capaz de assumir a irrealidade da representação. Esta virtude poética é uma virtude de confiança. Trata-se de partir do ponto de vista da igualdade, de afirmá-lo, de trabalhar a partir de seu pressuposto para ver tudo o que ele pode produzir, para maximizar tudo o que é dado de igualdade e liberdade.” Tradução da autora.

E curioso que Mallarmé tenha dado como exemplo do trabalho salariado, uma escavação, pois é assim que o poeta se refere ao seu trabalho poético, como um ato de cavar a linguagem. Na famosa carta de 28 de abril de 1866, na qual o poeta narra a Cazalis sua descoberta do Nada, o verbo empregado pelo poeta em referência ao seu trabalho é justamente “creuser”, “cavar”: “*Malheureusement, en creusant le vers à ce point, j’ai rencontré deux abîmes qui me désespèrent. L’un est le Néant.*”¹⁰ (MALLARME, 1998. p. 696)

O poeta assim como o operário está diante de buracos. O poeta vê nesse “buraco” um abismo encontrado a partir deste trabalho de cavar a linguagem, de se dirigir as suas profundezas. A partir de seu trabalho o poeta se vê diante de um abismo que a linguagem não pode transpor, apenas evocar, dimensionar. O operário é inconsciente, ele é simplesmente pago para cavar um buraco e em seguida fechá-lo. Nada de seu ato lhe diz respeito, nada de seu ato adquire significação ou pode se tornar simbólico.

Neste texto Mallarmé parece traçar um programa estético que seria ao mesmo tempo um projeto político. Ele tem como ponto de chegada a ideia de “*le forcer (o operário) de reconnaître la pensée, essence, par le résidu, monnaie – tous, ensuite, agiront, sans honte, sous la loi visée d’un paraphe privé.*”¹¹ (MALLARME, 2003. p 262)

A moeda é o exemplo de significação do trabalho operário. Ela indica o fato de que o trabalho remunerado não é o trabalho realizado, o trabalho real, mas sim um trabalho que se torna valor, mercadoria. É preciso que o operário se confronte com a realidade do seu trabalho, que ele reconheça sua nulidade, seu caráter abstrato e representativo na moeda que ele recebe como pagamento, tão abstrata quanto o trabalho realizado por ele, portanto, igualmente fruto de uma representação.

A moeda, é segundo o poeta sem exterior ou pompas, pois os números são incapazes de traduzir uma realidade, quanto maior o número maior a quantidade de zeros que contém, logo, mais ele se aproxima do nada. “*L’incapacité des chiffres, grandiloquents, à traduire, ici relève d’un cas ; on cherche, avec cet indice que, si un nombre se majore et recule, vers l’improbable, il inscrit plus de zéros : signifiant que son total équivaut à rien, presque.*”¹² (MALLARME, 2003. p 245)

Já o trabalho do poeta parece funcionar segundo outra lógica: “*la labeur ne vaut pas au détail parce que, peut-être, acceptant l’hésitation. La page, écrite tantôt, va s’évanouir, selon – n’envie pas, camarade – qu’en moi un patron refuse l’ouvrage, quand la clientèle n’y voit de tare.*”¹³ Trabalho que incorpora a hesitação, a página é evanescente, seu resultado é quase nada, o poeta é também seu patrão, e recusa todo trabalho com o qual não se identifique, que não seja capaz de conter suas “hesitações”.

O caráter efêmero da obra poética está muito próximo do trabalho operário, pois o poema se dissolve no ar, devolve à página sua brancura inicial, assim como o operário pode realizar um trabalho e seguida realizar uma atividade que anula completamente sua ação anterior. O resultado de cada um desses trabalhos poderia ser nulo se a obra literária não fosse capaz de reconhecer na sua aparência, a sua essência.

Assim, este « confronto » permite que o poeta estabeleça uma distinção entre uma

10 Infelizmente, cavando o verso a esse ponto, encontrei dois abismos que me desesperam. Um é o Nada.” *Idem.*

11 (...) o forçar a reconhecer o pensamento, essência, pelo resíduo, moeda – todos, em seguida, agirão, sem vergonha, sob a lei visada por uma rubrica privada.”. Trad.: Fernando Scheibe. *Op. cit.*, p. 222.

12 A incapacidade das cifras, grandiloquentes, de traduzir, aqui procede de um caso; busca-se, como esse índice que, se um número se majora e recua, em direção ao improvável, ele inscreve mais zeros, significando que seu total equivale espiritualmente a nada, quase.” *Idem.*, p. 204.

13 (...) o labor não vale o detalhe porque talvez, aceitando a hesitação. A página, escrita tão logo, vai se evanescer, segundo – não invejes, camarada – que em mim um patrão recuse a obra, quando o poeta não lhe vê tara.” *Ibid.*, p. 221.

negatividade criadora e outra, que é simples anulação, ou o trabalho do poeta que cria a partir do nada e o trabalho operário que parece não realizar nada. Mallarmé desvela ao refletir sobre o trabalho poético a essência negativa de todo trabalho, que não é outra coisa se não a base da estrutura social.

Como Rancière ressalta, em carta a Engels Marx anuncia que todo o segredo de sua crítica, no *Capital*, reside no duplo caráter do trabalho, concreto e abstrato. A generalização da identificação entre trabalho concreto e trabalho abstrato constitui a estrutura do modo de produção capitalista, pois ele determina a conexão entre mercadoria. Esta não identificação entre o trabalhador e o objeto que ele produz, entre o tempo empregado para sua realização e a remuneração, enfim esta síntese de diferenças e falhas é, para Marx, fruto de uma estrutura social historicamente determinada.

Já para Mallarmé, a diferença que se inscreve entre cada um desses termos é propriedade da própria linguagem, instrumento capaz de simbolizar, de criar significados, de transformar e criar valores. Poderíamos dizer, portanto, com Mallarmé, que a economia capitalista se estrutura como uma linguagem.

Expor o modo de funcionamento da produção capitalista é realizar sua crítica, assim como um poema deve demonstrar a natureza da linguagem e operar uma crítica da representação. Na exposição poética, no desenvolvimento de uma estética assim como na exposição da natureza do sistema capitalista nos deparamos com uma configuração semelhante onde a representação parece esconder a verdadeiro modo de configuração do social.

Conclusão

A poesia mallarmeana nos mostra, como em toda grande obra de arte, que o domínio da arte constitui um campo, um espaço privilegiado onde uma práxis é possível, pois os espaços em branco da página de um livro são a marca de algo que insiste em escapar da linguagem, que teima em não dizer seu nome, o resíduo do processo de racionalização do social, o outro que escapa a toda formalização, a literatura pode assim dar espaço para essas hesitações, indeterminações, nela tudo o que escapa ao processo de constituição e formalização do social, tudo o que não pode encontrar seu espaço na praça pública eclode.

O objetivo da poesia mallarmeana é “dévoiler le principe impie de la fiction”, ou seja, desvelar o próprio processo de constituição da poesia enquanto ficção. Se tanto a economia, e as formas de governo, se toda vida social se estrutura como uma linguagem, a poesia ao propor e criar novas formas de racionalização e de configuração da linguagem, novas poéticas cria também novas formas de vida, outras formas possíveis de viver.

Porque podemos então relacionar estética e economia política como pertencendo a uma domínio único, o da ficção? E qual a dimensão política dessa afirmação? Estaria Mallarmé nos dizendo que a arte assim como a economia são ficções, construídas a partir de falsas aparências que nos distanciam da verdade? Da realidade? Para responder à essa pergunta devemos primeiro nos perguntar o que é estética? E o que é a economia política? E compreender por que razão estes domínios aos quais tudo se resume, segundo o poeta, podem ser semelhantes.

A economia estrutura a vida social, ninguém discordaria se eu afirmasse que o sistema produtivo de um momento histórico determinado determina formas de vida, no seu sentido mais devastador, quer dizer, que a economia política determina os modos de relação dos homens para com as coisas e dos homens entre si. Mas o que é a estética? A estética não é simplesmente um domínio da filosofia que se ocupa do Belo. A Estética é na verdade o modo

como organizamos nossa relação com o mundo sensível. E assim que Kant por exemplo define sua estética transcendental, eu lembro que a estética transcendental kantiana determina que nossa percepção do mundo fenomênico se dá a partir de dois conceitos que são dados evidentemente *a priori*, o tempo e o espaço. Assim nosso modo de relação com o sensível se determina a partir de uma estética. É estético o modo como vivemos, como percebemos o mundo a nossa volta, e os outros homens com quem nos relacionamos. Assim, tanto a estética quanto a economia são eminentemente políticas. O problema está em compreender porque razão elas são ficções.

Se entendermos a estética como transcendental, determinada e definida *a priori* perdemos a possibilidade de pensar que a estética, ou tudo o que diz respeito à arte pode se constituir como uma experiência. A literatura moderna nasce dessa idéia, de duas grandes obras, eu diria, *Wilhelm Meister*, e *do Fausto*. No primeiro a literatura aparece como o lugar onde podemos ler nossos erros, onde podemos experimentar ideias, testar formas de vida, como faz o personagem, assim a literatura é formação. Mas há outro fato fundamental fundador da ideia de estética, de arte, ou da literatura como uma experiência, ele se realiza no *Fausto*. A partir do momento em que Fausto faz um pacto com o diabo deixando pra trás tanto o conhecimento abstrato quanto a salvação de sua alma e a eternidade, com este ato Fausto escolhe a vida.

Toda questão da relação entre literatura e política passa pelo entendimento dessa afirmação proustiana « *La vie, la seule vie vraiment vécue, c'est la littérature* » isso está longe de querer dizer que a literatura existe porque a vida não basta, isto também não quer dizer que a vida deve ser exuberante e arte ascética, isso significa dizer que viver é escrever a vida, escrever a vida como quem escreve um romance, como quem escreve a História.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. (org.) *Lire le capital* Paris : PUF, 1996.

BARTHES, R. *Comment vivre ensemble*. Paris : Seuil/ Imec, 2002.

MALLARME, Stéphane. *Œuvres complètes I, II*. Paris : Gallimard, 1998, 2003.

_____. *Divagações*. Trad.: Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora UFSC, 2010

HEIDEGGER, M. *Qu'appelle-t-on penser?* Paris : PUF, 1959.

RANCIERE, J. *La politique de la sirène*. Paris, Hachette, 1996.

_____. *Politique de la littérature*. Paris, Galilée, 2007.

_____. *Aux bords du politique*. Paris : Gallimard, 2007 A.